

ASSIGNATURA

Anno \$3.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semanaio Macaense d'interesses publicos locais, litterario e noticioso.

ANNUNCIOS

PARA OS SUBSCRITORES,
Não excedendo de 20 linhas... \$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES,
Não excedendo de 10 linhas... \$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

1.º ANNO

QUINTA-FEIRA 11 DE AGOSTO DE 1864.

No. 45

MACAU 10 DE AGOSTO

A TOMADA de Nankim é um facto importante para o imperio da China, porque significa achar-se terminada, ou nos paroxismos, a grande rebelião de Tai-ping-ang. O governo imperial vê-se agora desembaraçado de um perigoso inimigo, que, partindo do Kuang-si, chegou a ter força e prestigio para invadir as provincias de Shan-tung e Tchi-ly e bater ás portas de Pekim. Ao auxilio das forças estrangeiras, francezas e inglezas, deve principalmente o governo imperial este resultado, porque as mais decisivas derrotas que soffreu a rebelião foram as forças europeas que lh'as infligiram, com a perda de cidades e posições importantes e do que ainda mais importancia tem, — da força moral, obrigando os *tai-pings* a recuarem a ponto de se verem privados de recursos, em razão da pequena área a que se limitaram. Levados por essas forças aos ultimos entrincheiramentos, ainda assim foi necessario que officiaes europeus organisassem e commandassem batalhões de chinas, bem equipados e com boas munições, para os reduzirem a ultima extremidade; e por fim estes mesmos corpos, assim organisados, embora já não dirigidos por officiaes inglezes, foram, cremos bem, na tomada de Nankim, o elemento mais effizaz de todas as forças tartaras e chinas do general Si-ko-fan, o qual, por ter commandado em chefe, será considerado pelos chinas o heroe d'esse feito de armas, e a historia do imperio o immortalizará com os proprios relatorios d'elle, que serão, como é de uso, fabulosas epopeias que hão de offuscar os heroes de Homero, avultando no meio d'ellas Si-ko-fan, mais atilado que Ulysses e mais invulneravel que o mesmo Achilles. Hade até escrever-se que as balas o tocaram e resvalaram sem o ferir.

Agora compete ao governo cuidar em reorganisar o imperio, começando por substituir as pessimas auctoridades, que tem por toda a parte, por outras habilitadas e integras. Para o conseguir teria de acabar primeiro que tudo com o escandalo da venda dos empregos em Pekim. Em quanto proseguir em tal systema, — e infelizmente nada por ora nos leva a esperar que haja formado o proposito de afastar-se d'elle, — é claro que os funcionarios em toda a sua escala seguirão um caminho mercantil e immoral, como se sabe que acontece, vindo a pagar por tudo o infeliz e bom povo chinês, a quem os mandarins fazem as mais cruéis extorsões, para satisfazerem a sua rapacidade e a dos que lhe ficam superiores.

Não se creia que formulámos aqui uma accusação gratuita, para concluirmos vagamente a decadencia do imperio e a sua ruina, e tirarmos d'ahi illações de

qualquer natureza. Os que conhecem a China sabem que está essa decadencia demasiado provada com respeito ao systema das auctoridades, pelos factos que todos os dias se repetem.

Quantos chinas ricos de Cantão não emigram para Hongkong e para Macau, só para fugirem ao iniquo pagamento do que o vice-rei denomina contribuição para a guerra? E quer-se saber como pesa aquella contribuição? Um negociante chина, que, por exemplo, se reputa possuir duzentas mil patacas, é obrigado a pagar quarenta ou cincoenta mil, e se o vice-rei chega ao convencimento de que são maiores os haveres do contribuinte, é este obrigado, sem mais averiguação alguma, a preencher aquella proporção. Algumas vezes, um ajuste amigavel substitue a extorsão forçada.

Informaram-nos ha pouco de um facto ainda mais repugnante e que nos affirmam ser verdadeiro. Um chина, tido em Cantão por contrabandista e connivente com piratas, vivia ultimamente fóra do districto da cidade, mas precisou ir ali, e foi. Chegado a Cantão foi mandado prender pela auctoridade competente por denuncia havida, e o chim foi effectivamente preso. O que pareceria natural era que em seguida o processassem e o punissem devidamente se o homem era realmente criminoso; mas nada disto succedeu, e simplesmente lhe exigiram o seu resgate por sessenta mil patacas, podendo elle afinal conseguir resgatar-se por trinta mil *sómente!* Que moralidade!

De todos os pontos da China d'onde é possivel colherem-se factos observados pelos europeos, consta existirem analogos aos que citámos, confirmando todos a rapacidade e venalidade das auctoridades chinas, e por consequencia o alto grau de desmoralização a que chegou o imperio. As consequencias de um tal systema são as que se estão presenciando. A rebelião por toda a parte, latente ou patente; a devastação nas cidades e nos campos, pela guerra e as suas terribes represalias, que estamos certos, nunca as houve maiores em parte alguma do que na China. Aonde a rebelião vencia, a pilhagem e a carnificina faziam em larga proporção; mas quando as forças imperiaes á sua vez venciam, então não havia treguas nem para os suspeitos. Os mandarins mandavam degolar homens e mulheres ás centenas por dia, e até se pôde dizer que por hora! O terror era espalhado, com fundamento como o prototypo do paternal governo mandarim. O *civilizado* governo imperial tem vindo cicatrizar as feridas sangrentas d'uma revolução barbara, arrastando o que haviam deixado ainda de pé os que os haviam precedido na occupação d'aquellas cidades e d'aquellas provincias, que os infelizes povos não po-

diam deffender de tantos e tão diversos inimigos.

É preciso não esquecer, que a par com a rebelião dos *tai-pings*, que chegaram a eleger reis e a constituir um estado, levantaram-se a titulo de rebelião muitos outros corpos consideraveis de bandidos, para roubar e saquearem as povoações indefesas.

Ora, este estado da China é o peor a que uma nação pôde chegar, mesmo fallando só da rebelião; e o remedio não é decerto aquelle que, depois das victorias o governo tem mandado pôr em pratica pelos seus mandarins, porque alem de ser cruel é iniquo.

Passando agora um véu sobre a revolução e os seus horrores, e por consequencia sobre esta *muito velha* civilização chина, corramos a vista n'um relanciar sobre as relações modernas dos europeos com esta velha china, dentro em pouco, talvez em via de reconstrução, senão de total ruina, pelo principio sabido de que os extremos se tocam.

Soberbos de sua atrasada civilização, desdenharam sempre os chinas o aceitarem as ideias idas de fora, considerando como barbaros todos os outros povos que lhes não estivessem sujeitos, designando mais especialmente de barbaros os europeos, porque de ha muito pretendiam tratar em pé d'egualdade, os filhos, e até o *pai*, imperador do celeste imperio. O imperador celestial não podia, e ainda hoje não pôde, conceder a honra de receber embaixadores de nações que lhe não venham trazer tributos e fazer o *kotau*, que é a bem conhecida cerimonia de ajoelhar tres vezes e tocar nove com a cabeça no chão.

Sendo a historia das relações modernas dos europeos com a China muito recente, e por tanto conhecida, não nos demoraremos em contar alguns factos importantes que precederam a guerra, os quaes provam bem quanto o caracter d'esta nação é altivo até ao momento de ser vencida pelas bayonetas, porque então é humilde, e o governo mais do que todos, querendo ainda assim teimar, mas só com rodeios pueris, que adopta para illudir as questões que quer adiar, esperando a oportunidade.

Não estamos agora definindo os homens do governo celestial, porque seria tarefa ingloria e bem definidos estão elles, pelos muitos e mui distinctos escriptores que se tem occupado da China modernamente; mas o que tentaremos apenas será descortinar as bases mais provaveis da sua politica futura.

Primeira questão.—Estará o governo da China sinceramente disposto a conservar boas relações com os europeos e a aceitar os verdadeiros principios do direito das gentes, ou pensará ainda em retomar a sua posição d'isolamento, illudindo uma outra vez mais a letra dos

tratados, que nós sabemos lhes foram impostos pela força das armas, e que se ainda hoje se conservam, não é pela convicção que os chinas tenham das vantagens que esses tratados lhes trazem, mas pelo receio que ainda tem de que a força das armas novamente lhes dê *convicções* mais arregaçadas?

Sendo assim, como pouca gente pôde duvidar, é certo que nos não devemos descurar de observar a marcha do governo chinês e bem assim a tendencia do povo das grandes cidades, o qual é sempre influenciado pelos mandarins, como sabemos que o foi na cidade de Cantão durante as ultimas guerras, como o foi em Tien-tsin em 1858 e como o está sendo em Pekim actualmente.

De todos os pequenos meios se serve o governo do celeste imperio para faltar aos seus mais restrictos deveres; por tanto estas citações não são de tão pequena importancia que devam desprezar-se, sobre tudo agora, que se julga forte, com a tomada de Nankim e a natural consequencia de vencerem completamente os rebeldes.

Quando se fizeram os tratados com os europeus, que desagradaram ao corpo de litteratos do imperio, o governo prometteu-lhe que, um dia extinta a rebellião, o imperio forte pela sua unidade e pela victoria, seria mais forte do que nunca, e que então os barbaros seriam castigados e expulsos do imperio, pelos bravos soldados do imperador. E em Pekim, haverá tres mezes que isto mesmo foi publicado em proclamações que foram postas nas esquinas das ruas, em larga copia.

Os ministros estrangeiros residentes em Pekim, terão em vista estas considerações que acabamos de fazer? É natural; posto que julgamos do nosso dever passar em revista a marcha seguida na China pela diplomacia europea, desde a ratificação dos tratados, para com fundamento concluirmos se a nossa espectativa tem sido ou não illudida.

Reservamos contudo esse trabalho para o proximo numero d'este jornal.

VOLTAMOS agora á nossa velha questão da doca, para perguntarmos aos interessados o que tem feito?

Nós, sabendo um pouco do caso, por termos ouvido fallar n'elle, podiamos talvez responder alguma coisa á innocente pergunta que acima fazemos.

Antes de tratar do assumpto, lembramos contar uma destas pequenas historias da fabula, que as ha tão caracteristicas e sentenciosas, que d'ellas se não pode perder de todo o conhecimento, porque os velhos gregos são os avós, muito respeitaveis, da nossa civilização e como uma sociedade civilizada que aquella era e illustrada, escreviam fabulas como nós hoje descrevemos typos.

A fabula conta, que Icaro pertendendo voar, ligára a si umas azas que pegou com cera, e tendo-lhe recommendado seu pai que não voasse muito além do muito baixo, o rapaz quando se apanhou nos ares, esqueceu-se da lição do pai, e subiu tanto acima, que o sol derreteu-lhe as azas, e elle caiu no mar e afogou-se.

Agora diz a moralidade da fabula que — a todos os que, em sentido figurado, usam querer elevar-se acima do que as suas forças o permitem, acontece-lhes

como ao infeliz Icaro—vão para o fundo!

Quando, ha tempos, nos empenhámos em apregoar os esforços, que o proprietario da doca em construção na *Praia Manduco* estava fazendo para levar avante aquelle melhoramento para Macau, fomos contestados por um correspondente do *Echo do Povo*, que disse não ser exacto o que em boa fé escrevêramos, sobre o ser livre aquella propriedade, e sobre a sinceridade, de que não duvidavamos, do proprietario emprehendedor. Respondemos então o que entendemos dever responder, apellando para o tempo para melhor justificar a nossa opinião, totalmente favoravel então ao proprietario, proponente e empresario da doca. Já vão decorridos mais de cinco mezes e a espectativa começa a cançar-se, porque a obra está no mesmo pé que estava n'essa occasião, se não está peor, porque tendo cessado o trabalho, e encarregando-se o tempo e os temporaes de fazerem a sua obra de destruição, é claro que tudo está ou estará brevemente destruido.

Que capricho ou que má vontade é pois essa, que sacrifica projectos uteis e interesses reaes a uma completa destruição, sem consciencia do mal e sem esperanza do bem?

Seria a reflexão e o calculo o que levou as coisas a este estado? Não o cremos.

Pelas considerações que em tempos fizemos e que hoje repetimos, a ideia de construir uma doca em Macau, parecidos ser muito aproveitavel e util, não só para interesse deste estabelecimento, que lucraria uma industria a muitos respeitoes vantajosa, mas porque a empresa, sabendo manejar com economia e methodo, tiraria lucros.

A demonstração destas duas asserções, pode ser deduzida dos bons principios em geral e das especiaes condições do projecto d'uma doca em Macau.

Não se pode duvidar que haveria vantagens em se criar aquella industria, tão util aos navios que aqui viessem aportar necessitados de reparo, ou quando por ventura aqui mesmo no porto soffressem avaria, como succedeu ao *Westward-Ho*, que depois de carregado abriu agua, e só com muito trabalho e despeza foi rebocado para Wampu para ali ser concertado. Destes factos ha muitos neste perigoso mar da China, e a doca por consequencia teria que fazer, e portanto o capital empregado n'ella ganharia juros, sendo certo que a mão d'obra deve ser aqui mais barata, do que o é em Hongkong e Wampu, porque a differença na proporção de todas as outras industrias, como tambem nas mercadorias, é aqui para mais barata.

Admittida pois a opinião de que a doca trabalharia e que portanto a empresa tiraria lucros, vamos entrar no mais difficil da questão, que é o de calcular qual o capital que se pode empregar para poder colher juros do seu emprego, nesta empresa.

É nossa actual convicção e a de muita gente, que entende de negocios, que o capital total que se pode empregar com alguma vantagem para a construção da doca em Macau, entrando machinas e outros objectos da doca,—vinte cinco a trinta mil patacas.

Esta cifra é a que temos ouvido apresentar aos homens competentes, e ainda assim duvidando do resultado. Não diremos tanto, mas acrescentamos, que

não somos capitalistas; o que prova que mal sabemos avaliar, pela falta de pratica!

Agora compare-se esta quantia com a enorme cifra que appareceu no projecto da doca que publicámos, assignado pelo sr. Carneiro, e digam-nos, mesmo pelo resultado, que foi o não se vender uma só acção e os trabalhos principiados da doca estarem a cair em ruínas, se não ha toda a analogia nesta pequena historia da doca com a fabula de Icaro? Nós tanto lh'a achámos, e lamentamos tanto as consequencias, que por isso voltámos a este assumpto, afim d'evitar que o proprietario da doca se *afogue*, como aconteceu ao pobre Icaro.

COMMUNICADO.

RECEBI uma correspondencia do Sr. L. em resposta á que vem publicada no *Echo do Povo* No. 280, firmada com as letras A. B. A.

A carta do Sr. L., com quanto não seja um composto de insultos como a que vem no *Echo*, é todavia uma epistola satyrica, e por isso não a publiquei.

O Sr. Redactor responsavel do *Echo do Povo* é que se esqueceu bem depressa da promessa espontanea que ha dias me fez de se emendar, não tornando a publicar no seu jornal cartas insultuosas e repassadas de personalidades, porque a correspondencia, que acaba de publicar do Sr. A. B. A. está bem neste caso.

O Sr. Redactor do *Echo* dirigiu-me uma carta, em que não só me fez um protesto de que nunca mais admittiria no seu jornal as questões de personalidades, mas tambem me pediu, e conjuntamente á redacção do *Ta-ssi-yang-kuo*, que nos poupassem igualmente a essas publicações. Eu respondi-lhe que nós tinhamos a consciencia de havermos sempre cumprido o nosso dever jornalístico, mas que folgavamos que S. Sa. se emendasse do erro em que tem andado, porque assim o havia de cá aconselhado repetidas vezes a redacção deste jornal, e foi já para satisfazer ao seu pedido que não publiquei neste numero a carta que recebi do Sr. L.

Parece, porem, que o Sr. Redactor do *Echo* ligou bem pouca consideração ao protesto que espontaneamente se dignou fazer-me outro dia, pois que, sem explicação que o desculpassem, se apressa a publicar immediatamente uma carta insultuosa e provocante. Este procedimento de S. Sa. deixa-me ficar mal humorado a seu respeito, e obriga-me a duvidar até certo ponto da sua boa fé e dos seus foros de cavalheiro, porque em verdade S. Sa. deu um passo que é de surprender!

S. Sa. disse-me que me promettia evitar d'ora em diante as questões de personalidades no seu jornal, porque amargas experiencias o haviam obrigado a isso, e pediu-me e a esta redacção que as evitassemos tambem. Nós accedemos do melhor grado a esse pedido, e cumprimos. Mas S. Sa., que foi o primeiro a solicitar particularmente esta justa obra, é o primeiro a desprezal-a, rompendo immediatamente novas hostilidades!

Não podemos comprehender isto.

Para eu, pois, poder formar o devido conceito deste novo procedimento de S. Sa., é necessario, e peço-lhe mesmo que se digne dar-me pela imprensa uma explicação a tal respeito, pois assim como

considero muito a carta que recebi de S. Sa., por isso que satisfiz ao seu pedido, desejava tambem que lhe merecesse alguma consideração a resposta que lhe envie.

J. DA SILVA.

NOTICIAS DIVERSAS.

Despedida.—Pelas cartas do Rev. Sr. J. J. d'Afonseca Mattos, ultimamente publicadas n'este jornal, e no *Echo do Povo*, se vê que S. Ra. se despediu de collaborar nos jornais politicos d'estas paragens. Com quanto seja certo, que S. Ra. alguns communicados escrevera para este jornal, estas escriptos foram unicamente religiosos, como se pôde ver nos nossos primeiros numeros, cessando esta collaboração em janeiro d'este anno.

Respeitando, como devemos, os motivos que levaram S. Ra. a abandonar a imprensa, na China, e mesmo a collaboração que dispensava, na parte social-religiosa, á redacção do *Echo do Povo* até ha poucos dias, estamos convencidos de que S. Ra. não deixará de aproveitar muito bem o seu tempo, empregando-o em estudos e trabalhos de muita utilidade para a Santa Religião de Christo, e para esta páiz.

Incendio.—No dia 7 pelas 7 horas da tarde, á fortaleza do monte fez o signal de incendio. Era em uma botica china no Bazarinho que andava em chammas. Na forma do costume, acendi-se-lhe com promptos socorros, mas só ás 10 horas da noite é que de todo se conseguiu dissipar. Não houve a lamentar victima alguma, mas ardeu o madeiramento da casa e diferente mobilia.

Theatro de D. Pedro V.—As diligencias da actual commissão directora deve-se hoje o estabelecimento de um bem sortido botiquim no theatro, sendo commodos os preços, que convidam a concurrencia.

Sabemos tambem que se projectam reuniões de familia mensalmente, quando começar o tempo fresco, sendo estas reuniões feitas por subscrição, e dirigidas por uma commissão especial. Louvamos a ideia, porque tem por fim a concurrencia de pessoas em agradável passatempo.

Occurrencias policiaes.—Desde 2 até 5 do corrente, foram presos e enviados á procuratura, sete chinas por diferentes furtos e desordem.

Foi encontrada pela policia, e conduzido para o hospital da misericórdia, um mouro, que se achava deitado no chão em estado de doença proximo á fonte de Nilau.

Em diferentes sitios da cidade foram encontrados quatro cadaveres de chinas, que os respectivos cabeças da rua sepultaram.

Foram apanhados sete cães vadios, e remetidos para a Taipá.

Obito.—Morreu em Hakodadi, no Japão, no dia 25 de junho ultimo, d'uma febre typhoide, o Sr. Case, consul de Portugal n'aquella localidade. Lamentamos este acontecimento que deixa inconsolavel uma estimada senhora, filha d'esta cidade, e duas innocentes crianças.

Nomeação.—Foi nomeado consul portuguez em Hakodadi, Mr. Alfred Howell.

Nankim.—Um jornal de Shanghai de 28 do julho annuncia que Nankim cahiu em poder dos imperialistas, sendo a noticia confirmada pelas autoridades chinezas em Shanghai. Os rebeldes perderam todas as suas fortificações, que cahiram nas mãos dos captivos bem como os palacios de *Tien-wang* e *Chung-wang*. As particularidades porem deste importante acontecimento para os imperialistas, se effectivamente são hoje senhores de Nankim, não se dizem nem mesmo parece que sejam sabidas.

Amabilidade japoneza.—O vapor americano *Monitor*, na sua viagem de Hakodadi para Nagasaki, foi obrigado por falta de carvão a arribar a Fukugawa, onde sendo-lhe prometidos os artigos que precisava para seguir a sua viagem, na madrugada do dia 11 de julho, d'um dos fortes d'aquella bahia rompeu vivo fogo sobre o vapor. O *Monitor* pôde suspender e fugir da bahia, tendo lançado sobre a cidade algumas bombas. Em seguida, com as vellas, pôde tomar *Susima*, onde lhe deram, por meio de presentes, alguma madeira e agua, chegando a Nagasaki no dia 17 de julho. Este vapor tinha sahido de Hakodadi no dia 2 de julho, e teria feito a viagem em 9 ou 10 dias, se não fossem os ventos e correntes contrarias que apanhou.

Acabou-se o Alabama.—Este terrivel corsario, que tantas desgraças originou durante a sua existencia de destruição, foi a final mettido a pique pelo navio de guerra federal *Kearsage*, no dia 19 de junho, em Cherbourg, depois de renhido combate. O seu capitão Semmes, 13 officiaes e 26 homens da sua guarnição, foram salvos pelo hiate a vapor inglez, *Deerhound* e levados a Southampton.

O *Alabama*, sahindo de Cherbourg, encontrou a dez milhas de distancia o *Kearsage*, prompto para lhe dar acção. O combate durou hora e meia, sendo presenciado pelo *Deerhound*. Dos 150 homens da guarnição do *Alabama*, 12 morreram durante a acção, os que faltam, contando os que o navio inglez salvou, ha esperanças que fossem recolhidos do mar pelos botes do *Kearsage* ou pelos barcos de pilotos francezes d'aquellas vizinhanças. O navio corsario foi a pique de tal modo, que nem uma reliquia ficou no seu rival. O *Kearsage* é commandado por J. Winstow, e tinha o mesmo n.º de officiaes e marinheiros que o *Alabama*, montando 8 peças. Os chronometros, dinheiro, e os recibos dos navios resgatados foram salvos, tendo sido desembarcados em Cherbourg antes da partida do corsario.

A *Francez* diz que depois do combate, o federal *Kearsage* voltou a Cherbourg, desembarcando 63 homens do *Alabama*, sendo 15 feridos, e que as autoridades francezas, recebendo os prisioneiros, enviaram os feridos para o hospital naval.

Bom servico.—O *gun-boat* de guerra inglez *Grass Hoper*, commandante Mr. Charles Walker, chegou a Macau no dia 6 do corrente, da costa de oeste, tendo no dia 4 destruido sete embarcações de piratas, e aprisionado duas, das quaes uma é o hoipó desta praça, que no nosso numero passado dissemos fora roubado pelos piratas em *Kaulan*, com uma valiosa carga de assucar. A esquadrilla dos ladrões que o *Grass Hoper* encontrou, compunha-se de 15 juncos. Com o rodizio de 68, o *gun-boat* metteu d'uma vez a pique, com um tiro de metralha, quatro d'estes grandes juncos; em seguida aprisionou mais seis, incluindo o hoipó de Macau, que descarregado, já andava guarnecido pelos ladrões. Conservando este, e um outro grande juncos, incendiou os quatro restantes. Cinco barcos mais pequenos poderam fugir, mettendo-se por entre as ilhas.

A canhoneira voltou a cruzar no dia 7, e no dia 8 de madrugada encontrou em logar não conhecido, da costa de oeste, uma povoação, e 24 barcos de piratas. Na povoação armazenavam-se os roubos, e alli foi encontrado, arroz, assucar, e diferentes fazendas. Os piratas fugiram, porem as embarcações todas, e a povoação foram destruidas pelo fogo.

Grande incendio.—A cidade *George-Town*, no Guyana ingleza, perdeu 300 casas por effeito d'um incendio horrórreo que alli houve no dia 3 de abril. Calcula-se a perda em 4,500 contos de reis. As fallencias, falta de trabalho, e a fome foram as consequencias d'esta desgraça. A actividade que caracterisava esta cidade converteu-se n'uma completa estagnação dos negocios.

VIAGEM DA LEGAÇÃO PORTUGUEZA.

(Correspondencia do *Ta-ssi-yang-kuo*.)

Bórdo do vapor *Gérard*, em viagem para Tche-fú, 21 de junho de 1864.

(Continuação.)

Hospedou-se a legação portugueza no melhor hotel de Shang-hai, o *Asthor house*, onde se achava, tambem de passagem para Tien-tsin, s. exa, o sr. D. Sinibaldo de Mas, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade Catholica para a negociação de um tratado com a China.

Não menos conhecido pela sua carreira diplomatica de proximamente quarenta annos, do que pelas distinctas qualidades de homem de letras que ha ostentado em varias obras de grande apreço e em diferentes linguas, o sr. Mas soube merecer ainda mais particularmente uma reputação europeia de muito versado nas cousas da China, desde que veio a primeira vez a este imperio na qualidade de ministro. O seu ultimo livro *La Chine et les missions chretiennes*, obra talvez a mais festejada de quantas,—e não têm sido poucas,—se dedicaram ao assumpto por occasião e depois da guerra de 1860, bastaria a justificar plenamente o conceito em que s. exa. é tido n'esta especialidade, conceito de que não poderia torna-lo menos digno um successo menos lisonjeiro para o seu posto official. Os reveses da diplomacia do occidente na China têm valido mais estima e boa nomeada aos representantes que os soffreram, do que têm dado glorias as aquisições mal seguras, e depressa desmentidas, aos que as fizeram ainda a custo entre baionetas. Nenhum embaixador europeu foi recebido pelo governo chinês tão insolentemente, e logo expulso com ignominia poucos minutos depois de chegado á corte, como lord Amherst, em 1816; e não obstante o nome de lord Amherst é ainda hoje por isso mesmo, e será longo tempo e muito justamente, repetido por todo o inglez com grande veneração. É tão anormal, no espirito e na forma, na resistencia systematica a todo o principio de relações estranhas como no desprezo das minimas obrigações que ellas impoem, a maneira de tratar dos mandarins, que raras vezes de alguma forma se torna possível ao representante de uma nação independente e civilizada conciliar em taes negociações pacificamente a digni-

dade do seu governo com a tolerancia de semelhança politica.—Na impossibilidade de estabelecer as relações do seu paiz com a China no pé de igualdade que as instrucções que recebera e a honra da bandeira hespanhola lhe ordenavam, o sr. D. Sinibaldo de Mas obteve comtudo, na sua anterior missão diplomatica, o bom resultado de convencer o seu governo, á custa de um pequeno desaire, do engano em que estava crendo que o imperio chinês tinha pela Hespanha um amor apaixonado e um grande respeito, não obstante nunca de tal haver dado grandes provas,—illusão esta de que não só os hespanhoes se hão deixado acariciar por longo tempo.

Uma das primeiras visitas que s. ex. o ministro de Portugal recebeu estando em Shang-hai, foi do consul de Sua Magestade Britannica, sir Harry S. Parkes. Cumpre determo-nos tambem alguns momentos em frente d'este personagen, em volta de cuja nobre e expressiva cabeça já a historia, em grande merecidamente a aureola resplandente do heroismo. Explica-se o poder e antevêm-se os destinos de um povo que é servido por taes funcionarios.

A carreira de sir Harry Parkes na China tem sido uma serie não interrompida de actos de esclarecido vigor em opposição as sempre renascentes cavilações das auctoridades chinezas. Aquelles que têm noticia do longo periodo de fraudes e offensas que a Inglaterra soffreu, com rara paciencia, n'este paiz, desde 1842 até a segunda guerra, não olvidaram certamente o modo energico e habil com que, em 1848, sir Harry Parkes, n'esse tempo simplesmente mr. Parkes, interprete e vice-consul em Shang-hai,—e o consul, mr. Alcock, livraram a comunidade europeia d'aquelle estabelecimento dos vexames a que principiavam a expô-la, a semelhança do que succedia em Cantão, a má vontade dos mandarins e as disposições excitadamente insolentes da populaça.—Alguns subditos ingleses tinham sido maltratados e roubados junto da pequena cidade de Tzing-po, á borda do Canal imperial. A immediata exigencia de satisfação, da parte de mr. Alcock, os chinas responderam com a usada tactica dos adiamentos, das impossibilidades e das correspondencias amphibologicas, quando não muito claramente atrevidas. Era absolutamente indispensavel dar sem demora uma solução digna a este negocio, senão tanto pelo facto em si, pela amuada repetição de outros que de contrario inevitavelmente se lhe havia de seguir, animados os chinas com o precedente e com o exemplo, cada dia mais instigador, de Cantão e outros pontos. Succedeu exactamente por esta occasião encher-se o Wo-sung de uma quantidade immensa de juncos imperiaes carregados de tributos em especie, com destino ao Peiho. Mr. Alcock resolveu bloquear esses juncos, apesar de constar apenas de um pequeno brigade de guerra a força maritima inglesa ali estacionada; e, com effeito, durante um mez inteiro, deu-se o espectáculo singular de uma frota de milhares de velas sujeitada, com todo o commercio indigena de um grande porto, por uma embarcação de doze bóças de fogo e cem homens de marinagem! No entanto dirigia-se Mr. Parkes a Nankim em outro brigade de guerra que chegara em seguida, e sendo recebido pelo vice-rei do Kiang-nam em pessoa, com tal energia lhe fallou, que o immediato resultado da entrevista foi a remessa a Shang-hai dos homens que haviam commettido o espancamento e roubo em Tzing-po, todos de canga ao pescoço, e a demissão do tao-tai, por haver desatendido as justas reclamações dos estrangeiros.

Em 1856 encontramos Harry Parkes, consul em Cantão, dando, para assim dizer, o signal da guerra. Não renovaremos n'este lugar a questão da lorcha *Arrow*, nem discutiremos se, de tantos pretextos que por então se offereciam, era esse o melhor a escolher para o rompimento, aceitando que haja sido realmente o unico escolhido. São questões já agora exaustas de argumentos e despojadas de quasi toda a importancia que então se lhes deu. Os diferentes factos que hão determinado as repetidas desintelligencias entre a China e o occidente, podem, ainda, um ou outro, ser considerados de varios modos isoladamente, mas o seu conjunto apresenta hoje uma significação só, manifesta, incontestada. Comtudo no insulto da *Arrow*, por muito que houvesse e quem, no fundo da questão, visse a justiça por parte das auctoridades chinezas, ninguém por certo deixou de confessar que mr. Parkes desempenhára o seu dever como lhe cumpria, e que a energia do seu procedimento foi unicamente a que exige a honra de qualquer bandeira nacional offendida com a maior arrogancia e a dignidade de uma grande potencia civilizada.

Cheguemos a 1860.—O protocollo dos tratados de 1858 foi cuspido em pedações pelos canhões de Taku, em 1859. Surge no golfo um novo exercito aliado. Harry Parkes acompanha o embaixador da rainha Victoria, na qualidade de interprete.

São tomados os fortes. O exercito sobe as margens do Pei-ho, entra em Tien-tsin, e continua mar-

chando com direcção á capital. Os embaixadores desejam a paz, mas não querem deixar-se illudir outra vez. Não julgam indispensavel a entrada do exercito em Pekim, mas conhecem a necessidade de certificar os chinsas da firme resolução de o fazer chegar até lá, se preciso for.

Em 13 de setembro as tropas anglo-francesas occupam a villa de Ho-si-vu, distante apenas sete milhas da cidade de Tung-chéu, e desoito de Pekim.

Lord Elgin resolve ahí dar ouvidos ás repetidas instancias dos commissarios imperiaes e fazer-lhes saber as condições que exige para deter a marcha do exercito e suspender as hostilidades.

Tudo levava a crer que o governo do imperador Tau-kuang obtivera enfim o inteiro convencimento da inutilidade, ou antes do muito maior prejuizo, que lhe resultaria de novos espaçamentos e artificios.

Foi mr. Parkes o encarregado d'esta negociação, dirigindo-se como parlamentar a Tung-chéu acompanhado por alguns officiaes e uma escolta. Na sua entrevista com os commissarios, accordou-se que o exercito aliado estabelecera o acampamento junto da povoação de Thang-kia-huang, a cinco milhas de Tung-chéu; que os embaixadores iriam a esta cidade, seguidos cada um por uma guarda de honra de mil homens, negociar a convenção que deveria pôr fim á guerra; e finalmente que entrariam depois na capital com a mesma guarda. Uma carta do commissario imperial, o principe Y, trazida por mr. Parkes a lord Elgin, confirmava este accordo.

Na madrugada de 17 partiam pois de Ho-si-vu duas deputações parlamentarias, com proposito de regularem em Tung-chéu a recepção dos embaixadores. Compunha-se a inglesa de Harry Parkes, encarregado tambem da entrega de um officio ao principe e autorisado para todas as discussões que porventura se podessem ainda suscitar; Lóck, secretario particular de lord Elgin; Norman, primeiro addido á embaixada; coronel Walker, chefe do estado-maior da cavallaria; Bouwly, correspondente do jornal Times, e vinte e cinco soldados de cavallo, commandados pelo tenente Anderson. O capitão de artilheria Brabazon aggregou-se-lhes depois em Tung-chéu, e foi talvez de todos o que teve sorte mais cruel.—Os membros da deputação franceza eram: Grandchamps, coronel de artilheria; Dabut e Ader, officiaes não combatentes; o padre Duluc, interprete; o conde d'Escayrac de Lauture, correspondente da Academia das sciencias de Paris; Chanoine, capitão d'infanteria; Osman, tenente de *spahis*; Gagey, Bastard, e Meritens, discipulos-interpretes; e alguns soldados, ordenanças dos officiaes.

A vista do officio de lord Elgin os commissarios levantaram nova discussão sobre as condições de treguas, especialmente quanto á pretensão dos embaixadores a uma audiencia solemne do imperador para a entrega das cartas dos seus respectivos soberanos, e obstinaram-se na exigencia de que mr. Parkes desistisse logo ali por seu motto proprio de semelhante clausula, não obstante elle lhes fazer ver que não tinha poder para tal e que não havia cerimonia menos separavel do acolhimento digno de um embaixador do que essa da recepção pelo monarca em pessoa, seguindo os principios mais triviaes da cortesia que mutuamente se devem as nações. Tambem se mostravam muito apprehensivos na escolta de dois mil homens que havia de acompanhar os embaixadores; mas ao levantar da conferencia, que se prolongou muito pela noite adiante, pareceram enfim achar-se conformes em todos os artigos da negociação.

Ao amanhecer do dia seguinte foi mr. Parkes, com um official chinez, a Tehang-kia-huang, para juntamente marcarem a posição que o exercito devia occupar. Notou porem com surpresa que todas as visinhanças d'esse ponto estavam cobertas de innumeraveis forças de cavallaria e infanteria chinsas. Voltando a Tung-chéu a pedir explicações aos commissarios, responderam-lhe com evasivas e a declaração de que não consideravam a guerra terminada. Reuniu-se immediatamente aos seus, e partiu com direcção a Ho-si-vu.

Tinham passado Tehang-kia-huang, e esperavam dentro em pouco achar-se fora da extrema linha das forças chinsas, quando a artilheria rompeu o fogo na vanguarda dos dois exercitos. Ao mesmo tempo embaraçava-lhes o passo um troço de cavalleiros tartaros. Harry Parkes pediu para ser conduzido á presença do official que se encontrasse mais proximo. Os soldados acederam, e com elles foi tambem mr. Loch e um soldado com bandeira branca. O resto da deputação ficou detido na estrada, igualmente protegido por uma bandeira branca.

Caminharam alguns momentos para o lado de um canal que ahí passa. Os tartaros evitavam com difficuldade que os grupos de tropa que iam encontrando fizessem fogo sobre os tres parlamentarios. Chegando ao canal, viram na margem opposta, a cavallo e rodeado por muitos mi-

litares, um official de gradação superior, que Parkes indagou como se chamava, e responderam-lhe ser o principe Sang-ko-lin-sin.

Era de esperar que o general tartaro que mais se distinguia então no conhecimento das praticas da guerra, e que, ainda nas ultimas hostilidades, fizera amidiado uso das bandeiras parlamentarias, saberia respeitar o caracter sagrado que um distinctivo igual dava aos tres ingleses. Foi pois muito confiado que estes obedeceram á intimação de se apearem; mas ainda mal o tinham feito quando os soldados caíram sobre elles de improviso e, atravessando o canal, os levaram de rastos para junto de Sang-ko-lin-sin.

O principe viu impassivel toda esta scena, e quando mr. Parkes, tendo-se-lhe permitido fallar, principiava a informá-lo do caracter da missão que o trouxera a Tung-chéu, interrompeu-o, dizendo:—“Porque não desististes hontem da condição da audiencia?”—Mr. Parkes respondeu que não estava autorisado para tanto, ao que tornou Sang-ko-lin-sin que era tempo que os estrangeiros aprendessem a respeitar os altos dignitarios chinsas, que elle Parkes fallara com atrevimento ao principe Y, e que alem d'isso fora sempre o instigador principal de todos os crimes que a sua nação commettera no imperio. Exigiu-lhe depois que escrevesse ao commandante em chefe do seu exercito para que suspendesse o fogo, ao que mr. Parkes se recusou, mostrando a inutilidade de semelhante carta.

Augmentava a cada instante o ribombar da artilheria, e o principe, tendo de afastar-se com todo o seu sequito para mais de perto observar o combate, mandou que os prisioneiros,—que eram cinco já então, com dois soldados da deputação franceza,—fossem levados ao principe Y.

Ouçamos agora do proprio sir Harry Parkes a narração do seu enclausuramento e dos trabalhos porque passou:

“Fomos levados para Tung-chéu, sem encontrarmos no caminho a escolta que deixáramos, e confundidos atravez da cidade ao templo do arrabalde de oeste, onde de manhã eu estivera com os commissarios. Já ahí se não achavam, e a nossa guarda (que se compunha de cincoenta cavalleiros) seguiu connosco a estrada de Pekim, diligenciando alcança-los e recreando-se com os soffrimentos que nos causavam os horribes solavancos do carro em que iamos, quando apressadamente o faziam rolar na estrada arruinada. Tendo hesitado repetidas vezes no caminho, pelas informações que recebiam, e depois de voltar a atravessar em varias direcções, confundiram-nos enfim os soldados a um acampamento e lançaram-nos aos pés de um mandarin, que elles me disseram ser o general e ministro de estado Juy-lin. Para evitar um novo exame doloroso e inutil fingi que desmaiava, e em resposta ás perguntas que me fez, pedi agua. Ordenou então que nos levassem para o ar livre, mas sendo immensa a multidão tumultuosa de soldados que nos perseguia e cercava em toda a parte, houve-se por melhor transportar-nos para uma casa, onde fomos visitados por um official da cathedra de Ta-jin (Excellencia), e se nos tirou tudo o que traziamos. Novamente nos puzeram em movimento para nos encerrarem n'um pagode, e um mandarin da comitiva do principe Y, chamado Tsing-tajin, que na entrevista de pela manhã usara connigo de uma grosseria notavel, chegou pouco depois e mandou que nos conduzissem á sua presença, para sermos interrogados. Perguntou-nos os nossos nomes e quem eramos, e insistiu depois em que eu lhe declarasse onde obtivera um papel que fora encontrado no meu bolso:—uma lista, que por acaso trouxera connigo, de muitos principes e outros personagens importantes, que se dizia figurarem entre os mais declarados opinantes da politica guerreira. Com receio de prejudicar ao chins que escrevera a memoria (posto que ella não fosse mais do que uma lista de nomes) respondi que a tinha encontrado n'um yaman de Cantão. Redarguiu que era falso, perguntou com que direito me atrevia eu a fazer indagações acerca dos principes chinses, e disse que em seria obrigado pela força a confessar quem me auxiliava em taes pesquizas.

“Neste momento vieram chamar-me apressadamente; ouvimos fóra da casa grande movimento, e logo uma turba de soldados, com a espada desembainhada, invadiu a sala em que estavamos, arrastou-nos, a todos para fóra e fizeram-nos fortemente as mãos atraz das costas. Mostravam-se muito irados e gritavam que não mereciam menos que a morte, visto que os nossos soldados tinham morto os seus. Ao cabo de uma breve espera, durante a qual mr. Loch e eu nos dirigimos mutuamente despedidas que acreditávamos serem as ultimas, fomos arreatados pelos soldados para longe da casa, da mesma maneira exactamente como eu tinha visto os chinsas conduzirem os seus prisioneiros ao supplicio. Tornámos a reunir-nos debaixo de umas arvores e outra vez nos puzeram todos cinco em um carro. Era tudo confusão e desordem em volta de nós; levantava-se o acampamento que pouco antes observáramos, e pude concluir que era um movimento das forças aliadas que determinava a retirada dos chinsas. Em pouco tempo nos achámos de novo na estrada lagada de Pekim, soffrendo então muito mais com os desconcertados balanços, por não podermos servir-nos das mãos e dos braços. Como levássemos o carro demasiado peso e não podessemos andar sempre com a rapidez que lhe exigiam, buscaram os chinsas outro e collocaram n'elle o sikh e um dos francezes. Passámos por numerosos corpos de infanteria dispostos ao longo da estrada, e encontrámo-nos com forças numerosas de cavallaria, que desfilavam na direcção de Tung-chéu. Por tal modo se apresentava a estrada impedida por homens e vehiculos que retiravam, ao passo que outros avançavam, que tínhamos de fazer alto muitas vezes. O principe de Y, Mu-yin, commissario imperial adjuncto, e Hang-ki, passaram-nos adiante em grandes cadeiras, mas nem ao menos se dignaram attentar em nós. O official a quem iamos confidados era Tsing-tajin, que já dissemos pertencer á comitiva do principe Y. A primeira suppli-

ca que lhe fizemos para que alliviasse os nossos soffrimentos e mitigasse a sede intensa que levávamos, produziu-lhe uma tão expansiva alegria que não mais cuidámos em apellar para os seus sentimentos de humanidade. Felizmente um dos outros soldados, que iam no carro connosco servindo-nos de guarda, foi menos cruel e deu-nos uma pouca de agua. Tendo sido mettidos no carro ás duas horas e meia proximoamente, escondia-se o sol quando chegámos a Chan-yang, ou á porta oriental da cidade. As ruas estavam cheias de povo, e os chinsas que nos acompanhavam fizeram de nós o menor uso possivel para dar á sua entrada a apparencia de uma victoria. Fomos conduzidos de rua em rua, passando pelos baturos de lante e de sul e depois pelo de oeste. Pelas oito horas da noite entrámos finalmente em um grande pátio, e vi com horror que estavamos em poder do tribunal dos castigos.

“Depois de nos terem feito esperar ainda meia hora entre uma espessa multidão, tiraram-me do carro e levaram-me á presença de um tribunal composto de juizes de ordem inferior, que me mandaram pôr de joelhos, e havendo-me tratado com a maior atrocidade e interrogado sobre alguns pontos de pequena importancia, carregaram-me de cadeias e entregaram-me a uma tropa de carcereiros mal encardos. Estes homens atravessaram connigo muitos pátios, e tendo parado alguns momentos (por não sei que razão) ouvi os ferros de um preso que se aproximava. Era mr. Loch; mas não quizeram deixar-nos comunicar e immediatamente nos afastaram em direcções oppostas. Achei-me enfim de frente de um corpo do edificio que reconheci ser uma prisão ordinaria, e quando puz a porta se abriu e depois se fechou sobre mim, vi-me rodeado por setenta ou oitenta presos de aspecto feróz. Exclamavam, quasi todos muito mal cheiro, como é costume nas prisões chinsas, por motivo das doenças e falta de aseo, e mostravam natural curiosidade de contemplarem o recém-chegado.

“Fui tambem detidamente examinado por todos os carcereiros, que verificaram a consistencia das minhas cadeias e me ligaram os braços com cordas novas, não as cingindo contanto a ponto de me impedirem a circulação ou causar-me serios incommodos. Ao mesmo tempo me tiraram, com grande allivio meu, as que trouxera nos pulsos, e que me tinham sido amarradas com tal aperto que me fizeram inchar as mãos ao dôbro do seu volume, produzindo-me insoffrivéis dores. Collocaram-me em seguida sobre uma taboa alta do chão, em que usam deitar-se os presos, e com uma grande cadeia me prenderam a uma trave que me passava por cima da cabeça. Alem d'isto, consistiam os meus ferros n'uma longa e pesada cadeia que se me estendia do pescoço até os pés, ligando-se-lhe estes e as mãos por meio de outras cadeias cruzadas e anjinhos.

“Exhausto de fadiga e de fome, poisque havia mais de vinte e quatro horas que não tomára alimentos, deixei-me cair adormecido; mas não tardou que me restituíssem ao sentimento da minha posição, vindo buscar-me para comparecer outra vez no tribunal dos inquiridores. Devia ser pouco mais ou menos meia noite, o que não impediu a grande aglomeração, composta, é verdade, n'essa occasião, de agentes da policia, carcereiros, litteros e outros unidos aos bonecos da justiça chinsas. Fui posto de joelhos em frente dos mandarin, os quaes logo me annunciaram que se eu de bom grado não dissesse a verdade me obrigarão a dizê-la, e em prova da seriedade das suas palavras, mandaram a quatro verdugos, ainda antes de começarem a interrogar-me, que me agarrassem pelas orelhas, pelos cabellos da cabeça e pelos da barba. Perguntaram-me primeiramente se era chins. Disse-lhes que bastaria ver-me a cara e os cabellos para conhecer que o não era. Inquiriram-me depois a minha idade, tempo de residencia na China, como e aonde fora empregado, etc., e continuaram da maneira que se segue:

“INQUIRIDORES.—Dizei o nome do vosso chefe.

“RESPOSTA.—A qual d'elles vos referis: ao embaixador, ao general, ou ao almirante?

“INQUIRIDORES.—(com ar de cólera) Vos não possuis semelhantes funcioneiros. Não tenhais a audacia de vos servir d'esses titulos.

“Neste ponto os verdugos appropriaram a acção á voz dos mandarin, puxando-me simultaneamente as orelhas e os cabellos.

“INQUIRIDORES.—Dizei agora o nome do vosso chefe.

“RESPOSTA.—Qual?

“INQUIRIDORES.—O chefe dos vossos soldados.

“RESPOSTA.—(em inglez).—O tenente general sir Hope Grant.

“INQUIRIDORES.—Quê?...

“RESPOSTA.—(em inglez).—O tenente general sir Hope Grant.

“INQUIRIDORES.—Dizei alguma coisa que possa entender-se.

“RESPOSTA.—Sou obrigado a servir-me dos termos ingleses, visto não quizerdes que vo-los diga em chins.

“Diligenciaram escrever, imitando-os com sons chinses, as palavras a tenente general sir Hope Grant, mas, não o tendo conseguido, pediram-me o nome de um outro chefe.

“RESPOSTA.—(em inglez).—O embaixador extraordinario, conde de Elgin.

“Vendo que lhes era igualmente impossivel escrever estas palavras em chins ou continuar o exame, permitiram-me voltar aos nomes e titulos de que primeiro quizeria servir-me e então lhes disse os do embaixador e dos commandantes em chefe.

“INQUIRIDORES.—Quantos soldados tendes?

“RESPOSTA.—Não menos de vinte mil em estado de se baterem.

“INQUIRIDORES.—É falso! (Os algosas repetiram o castigo.) Falle, quantos?

“RESPOSTA.—Não menos de vinte mil em estado de se baterem, entre os quaes não conto a gente que segue o exercito, etc. Já o declarei, e não tenho outra resposta a dar.

“Aqui fui ameaçado pelos mandarin e pelos verdugos, mas crendo perigoso desviar-me por menos que fosse de qualquer declaração uma vez proferida, teimei no que dissesse, e assim se escreveu.

“INQUIRIDORES.—Quantos soldados têm os francezes?

“RESPOSTA.—Não me acho tão sciente das suas forças; mas não podem ter menos de dez mil homens promptos a combater.

“INQUIRIDORES.—Tornaes a mentir.

“Repetiu-se a pergunta, com a ajuda dos verdugos, e repeti eu a resposta, de que afinal tomaram nota. Expliquem-lhes que, sendo eu um funcionario civil, era natural-

não me achar ao corrente de assumptos militares, ou muito bem informado de todas as particularidades de um tão numeroso exercito como era o dos aliados.

INQUIREDORES.—Um tão numeroso exercito, dizeis? O que são trinta mil homens? Uma simples bagatella, cousa nenhuma.

Continuaram a indagar no mesmo tom o numero da nossa cavallaria, artilheria, mous, vapores, culas chinas que nos acompanhavam, etc., e particularmente o alcance da nossa artilheria de campanha e de cerco, que eu lhes disse ser de tres milhas e de mais, ajudando outros escaqueamentos sobre a sua força de destruição. Ouvindo dizer que os cavallos do exercito vinham da India, perguntaram-me pelos recursos que offerecia esse paiz, e mostraram-se desagradavelmente impressionados com saberem que distava da China apenas vinte dias de navegação e que tinha um exercito de mais de trezentos mil homens e uma população excedente a cem milhões. Não menos o descontentamento a somma em que estimei a população da Gran-Bretanha, que eu declarei não ser inferior a trinta milhões de habitantes. O que porem os irritou mais que tudo, e até me valeu torturas dos algoszes, foi a observação que lhes fiz, tratando de Sua Magestade, por estabelecer igualdade de categoria e tratamento com o imperador. Haviam-me interrogado acerca do nosso principe, ao que respondi que tínhamos nós muitos principes, não só em Inglaterra como também nas Indias, mas que todos obedeciam a um só soberano, como succedia no imperio chinês.

“Que pretendes dizer com semelhante linguagem?—exclamaram—tendes estado longo tempo na China, pedis fallar a nossa lingua e ler os nossos livros; deveis portanto saber que ha um unico imperador que governa todos os paizes. É dever vosso communicar aos vossos compatriotas o conhecimento superior que tendes d'este assumpto, em vez de os animardes em suas idéias extravagantes.

“Insistiram então em que eu estivesse repetidas vezes em Pekim, onde tinha cumplices, e que me forçariam a revelar os nomes d'elles. Neguei tud' isso, e disse-lhes que não conhecia mais que tres pessoas em Pekim.

INQUIREDORES.—Quem são?
RESPOSTA.—Os dois commissarios imperias príncipe Y e Mu-yin, e o commissario adjuncto Hang-ki.

Del esta resposta na esperança de dissipar as suspeitas que manifestavam n'este ponto mais que em nenhum outro. A idéa de que nós tínhamos preparado alguma traição dentro da capital, com auxilio dos nossos culos, ou por outro qualquer meio, evidentemente lhes produzia uma seria apprehensão. Também me perguntaram o numero e os nomes dos nossos interpretes, ao que satisfiz com os nomes de baptismo e appellidos de familia de muitos d'esses senhores, anteveendo, como effectivamente succedeu, que lhes seria, aos chinas, impossivel escrever as compridas palavras inglesas, por mais que as eu repetisse. Persistiram contudo em inquirir sobre mr. Lay, e quando lhes disse que elle estava então encarregado, por covite das autoridades chinas, de fiscalisar a receita externa, a qual tinha chegado quasi ao dobro desde que essa administração lhe fora confiada, reprehenderam-me por semelhante linguagem e bradaram que mr. Lay não era mais do que um traidor indigena (chima).—Já para o fim do exame, durante o qual tive de me conservar sempre ajoelhado na mesma pedra, obtive licença para usar da palavra em meu favor. Disse-lhes com que fim os meus compatriotas e eu tínhamos vindo a Tuhg-cheu; que estavam todos interessados na paz e não na guerra; não obstante isso, e acharmo-nos cobertos por uma bandeira parlamentaria e admitidos a entrevistas com os commissarios imperias, haviamos sido aprisionados, e eram agora tratados não já como prisioneiros de guerra, mas como facinorosos vulgares e offensores das leis chinas. Pedia com instancia que não per-severassem n'este grande e, a meu ver, inexplicavel erro, quando me interromperam dizendo:—“Entendei-vo assim vós, mas nós temos outras informações. Se, como affirmamos, não pertenceis ao exercito, nem tendes que fazer com os soldados ou com os seus movimentos, porque succede verem-vos continuamente nos postos avançados?”—Ao que respondi que sempre tínhamos um interprete na vanguarda do exercito, afim de receber logo as propostas e communicações das autoridades chinas e attender ao bem do povo. Terminado o exame, ordenaram que eu voltasse a prisão.”

Tudo isto se passava no mesmo dia 18 de setembro, em que os aliados derrotaram Sang-ko-lin-sin em Tehang-kia-huang. Sir Harry Parkes escusa-se quasi inteiramente de narrar as particularidades dos seguintes vinte dias que esteve preso e em que os interrogatorios que soffreu, com serem muito repetidos, pouca differença fizeram dos primeiros. Não perdia contudo o ensejo, sempre que era levado a presença de funcionarios de maior grau, de protestar firmemente contra o procedimento de que era victima e de fazer-lhes ver que, tratando-o tão cruelmente, se prejudicavam a si proprios, poisque seria impossivel concluir-se a paz em quanto elles prendessem e maltratassem os encarregados das negociações. Os mandarins, que a miúdo e em grande numero o visitavam na prisão, incluindo os do tribunal dos castigos e até o presidente do mesmo tribunal, folgavam de o insultar e zombavam das suas respostas, ostentando sempre uma ignorancia repugnante de tudo o que diz respeito aos extrangeiros e os mil usuaes preconceitos da omnipotencia imperial.

“Foi só entre os presos,—continua elle,—que obtive sympathia, ou consegui fazer-me escutar. Muitos d'aquelles desgraçados experimentavam a maior alegria quando lhes permitiam juntar-se em roda de mim, a ouvirem a minha historia ou as descrições que algumas vezes lhes fazia dos costumes de paizes extrangeiros. Longe de seguirem o exemplo que lhes davam as suas autoridades e de me injuriarem ou ridiculizarem, raras vezes me faltavam ao respeito, tratavam-me pelo título que me competia, e, podendo incommodar-me, repetidas vezes evitavam fazer-lo. Na maior parte eram homens da mais baixa condição e da ultima ordem de criminosos, taes como assassinos, ladrões, etc. Os que não possuíam dinheiro achavam-se reduzidos pela sordidez e pela dieta da prisão a um estado horrivel de magreza e doença; mas os que tinham

meios de pagar aos carcereiros e comprar o que necessitavam, viviam em abundancia e commodidade relativas.

“Explicaram-me elles como o seu systema de prisões não custa ao governo mais do que a paga dos carcereiros e o fornecimento diario de duas medidas de milho para cada preso. Todas as outras despesas, agua, iluminação, fogo, chá, sal, legumes para os presos e boas comidas para os carcereiros, são feitas por aquelle que voluntariamente se encarega d'este serviço em resgate de uma determinada parte do seu tempo de prisão.

“Havendo determinado os mandarins e o tribunal que se me fornecessem viveres que eu podesse comer, a minha subsistencia que importava, disseram-me, em um *schelling* por dia deveu ser paga pelo individuo que tinha na prisão este encargo; mas em vez de ganhar-me aversão pelo augmento de despesa que eu lhe occasionava, era elle um dos primeiros a manifestar-me sympathia e respeito. O meu alimento constava de duas comidas por dia, de arroz cozido ou de uma especie de macarrão, acompanhado de uma quantidade muito limitada de legumes ou de carne; tinha alem d'isso bôlos, ou pão fabricado ao uso do paiz, um pouco de chá e tabaco.

“Uma lista pendurada na parede da prisão qualificava-me de rebelde, e acrescentava ser eu um dos cinco rebeldes que, de setenta e tres aprisionados, tinham recebido sentença de encarceramento com pesados ferros.”

Terminamos aqui a traducção por não podermos alongar mais esta carta.

Sabe-se o destino que tiveram cada um dos membros das duas deputações. Harry Parkes foi do numero dos que lograram sair com vida do captivo.

Agraciado com a commenda do Banho, elevado á dignidade de *Sir*, e nomeado mais tarde para o consulado de Shang-hai, onde já antes se distinguira tanto na qualidade de interprete: é considerado no estado actual das relações entre a Inglaterra e a China, como representante de uma politica de energia cuja necessidade se faz sentir. Quando *sir* Harry Parkes entrar ministro plenipotenciario em Pekim,—e não se cre' muito distante esse dia,—terá resolvido outra vez a Gran-Bretanha, no extremo continente da Asia, não antepôr á dignidade nacional interesses de qualidade alguma.

De V. etc.

P.

* Relatório dirigido a lord Elgin.

NOTÍCIAS DO REINO.

Os jornaes que temos á vista alcançam até 12 de junho. Iremos extractar delles o mais importante.

CAMARA DOS DIGNOS PARES.

Foi approvedo o projecto de lei, autorisando o governo a permitir a qualquer empresa o fretamento de navios estrangeiros para a navegação entre os portos de Lisboa, Algarve, ilhas adjacentes e possessões d'Africa, conservando esses navios a sua nacionalidade, mas ficando sujeitos ás disposições das leis e regulamentos commerciaes e de policia maritima em vigor para as embarcações nacionaes.

Foi approvedo o projecto, que estabelece o modo de levar a effecto a viação municipal, dividindo as estradas em duas classes—a primeira a de interesse commum para diversos concelhos—a segunda a de interesse especial de um concelho só.

O sr. Margiochi mandou para a mesa o parecer da commissão de fazenda, approvando a criação de um banco em Braga, denominado *Banco do Minho*.

Havia-se lido o decreto, prorogando as côrtes geraes até 11 de junho.

O sr. marquez de Sá mandou para a mesa um requerimento, para que o governo mandasse consultar as autoridades das provincias de Angola e S. Thomé e Príncipe sobre a conveniencia da abolição da escravatura nesta ultima provincia.

O sr. presidente declarou que na sessão secreta fôra approvedo o contracto postal entre Portugal e a Prussia.

O sr. conde d'Avila disse que era necessario que se fizessem algumas obras na sala das sessões, e o sr. marquez de Niza disse que era necessario um melhoramento geral em todo o edificio.

Foi approvedo o projecto, doando á camara municipal de Coimbra a cerea, denominada *dos jesuitas*, para se abrir uma rua que ligue os dois bairros, alto e baixo.

O sr. Mello e Carvalho pediu ás commissões de guerra e fazenda que dessem com brevidade o seu parecer, sobre o projecto que concede algumas vantagens aos primeiros sargentos e cadetes de abril de 1828.

O sr. Costa Carvalho declarou que a commissão de marinha nomeara para seu delegado na commissão do orçamento o sr. visconde de Soares Franco.

Foi approvedo o projecto, que reforma a escola naval e a companhia de guarda-marinhas, sendo tambem approvedo o projecto que autorisa a camara municipal da Mealhada a contrahir um emprestimo de 1:500\$000 réis para construir um mercado e abrir novas ruas.

Foi approvedo igualmente o projecto, que vota ao ministerio da marinha um credito extraordinario de 180:000\$000 de réis, a fim de serem applicados ao pagamento das machinas e mais obras das corvetas

a vapor—*Infante D. João, Duque da Terceira e Duque de Palmella*.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS.

Foi approvedo o projecto para que os officiaes da arma de cavallaria não passem para a de infantaria, nem os desta para aquella, senão nos casos marcados na carta de lei de 10 de julho de 1849.

O sr. Macedo mandou para a mesa 16 requerimentos de officiaes de infantaria, representando contra a reforma do exercito, na parte em que se julgam prejudicados.

O sr. Beirão mandou para a mesa uma representação da escola medico-cirurgica de Lisboa, pedindo a approvação do projecto, que apresentou, para se dar o grau de doutor aos que findarem os estudos nas escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto.

Foi approvedo o projecto, autorisando o governo a mandar construir com a maior brevidade possível um porto artificial na bahia da cidade da Horta.

O sr. Nepomuceno mandou para a mesa um requerimento de alguns officiaes de infantaria, reclamando contra a reforma do exercito.

Foi apresentado o parecer da commissão de fazenda, determinando a dotação de mais 25 por cento para as classes de não consideração e das pensionistas do monte-pio militar, e, depois de pequena discussão, foi approvedo.

O sr. Palmeirim mandou para a mesa alguns requerimentos de officiaes do exercito, pedindo que não seja approveda a reforma do exercito, apresentada pelo sr. ministro da guerra; e o sr. Coelho do Amaral enviou tambem 16 requerimentos da officialidade de infantaria 14, pedindo que seja approveda a citada reforma.

O sr. Castro Ferreri pediu ao sr. presidente que, quando dêsse para a discussão o projecto para a abolição da pena de morte, o fizesse com tres dias de antecedencia, pelo menos, para a camara poder estar prevenida.

Foi lido pela quarta vez um projecto do sr. Mazzotti, autorisando o governo a contratar a construcção de um caminho de ferro de Lisboa a Cintra, ou a Mafra por Cintra, e admitiu-se, sendo enviado á commissão de obras publicas.

Foram approvedos os orçamentos das provincias ultramarinas.

Foi approvedo o projecto, apresentado pelo sr. Mattos Correia, tornando extensivas aos officiaes do batalhão de Maçua as disposições da carta de lei de 21 de julho de 1862, que estabeleceu uma gratificação mensal, como supprimento alimenticio, aos officiaes do exercito de Portugal.

O sr. Camara Leme mandou para a mesa 15 requerimentos dos officiaes de caçadores n.º 7, pedindo que na reforma do exercito se faça por armas a promoção do generalato.

O sr. Annibal agradeceu ao governo o ter mandado para Setubal um batalhão de caçadores, para ter ali o seu quartel permanente.

O sr. ministro da guerra disse que era preciso que o paiz soubesse que o ministro da guerra não faz favores á custa dos cofres do estado; que, quando tomou conta da pasta da guerra, achára o exercito sem lei que o regulasse, e que por isso havia confectionado um projecto que trazia effectivamente augmento de despesas, mas que isso se tornava indispensavel.

Depois passou a explicar as disposições da lei a respeito das diferentes armas de que se compõe o exercito, e concluiu por dizer que o serviço, como estava, não podia continuar, e que nas medidas propostas, só tinha em vista dar vida ao exercito, que ia chegando a uma decadencia total.

Foi lida pela terceira vez e admitida, a proposta do sr. Pinheiro Osorio, para não haver hereditariedade no pariato. O sr. Sá Nogueira requereu que esta proposta fosse a uma commissão especial, nomeada pela mesa, e assim se resolveu.

Havia entrado em discussão o projecto, para que não seja sujeita á deducção de decima a importancia de 25 por cento de augmento de soldo, que é concedida aos capitães de primeira classe do exercito.

Foi finalmente approvedo o projecto sobre a arrecadação dos bens dos orphãos da cidade de Loanda.

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

Os jornaes que nos trouxe a mala ingleza chegam a 27 de junho. A questão dano-allema' prolonga-se. Se, como diz o *Vaterland* de Vienna, se tivesse accedido o convite de Napoleão 3o, ao congresso europeu, a paz da Europa não teria sido abalada, e não teria sido precisa a conferencia de Londres que terminou sem resultado algum satisfactorio. A sua ultima sessão foi até tempestuosa. A arbitragem proposta pela Inglaterra foi rejeitada. Dias antes de terminar a conferencia já um jornal semi-official de Berlim dizia n'um artigo intitulado “paz ou guerra” que se as propostas do gabinete inglez fossem acceptaveis, seria o imperador dos francezes o unico arbitro possível, pela attitude distincta e honrosa que tem tomado durante esta questão. A Prussia porem sustenta as suas vistas, e as bases para a demarcação possível, são unicamente as que os povos determinam depois de consultados. A Austria

apoiando as propostas de Inglaterra procurou evitar que ella tomasse parte na guerra.

Interrompida a conferencia, julgou-se logo inevitavel a guerra da Inglaterra, tendo as ultimas noticias nos dizem que isso nao acontecerá, porém o ministerio fez essa declaração formal ao parlamento.

As hostilidades de novo recommencaram a 27, e Alsen, não resistindo ao bombardeamento, cahiu, segundo um telegramma ultimo, em poder dos Prussianos.

Ainda que o Gran Duque de Oldemburg estabeleça os seus direitos aos ducados de Schleswig-Holstein, embora se proteste contra os direitos de Augustumburg, e que a Russia desista tambem dos seus direitos a favor de Oldemburg, as cousas não voltarão ao seu estado normal sem que se realizem as ideias de Napoleão, cuja politica é a nosso ver a unica que prevalece na questão dos ducados, e tanto que já muitos jornes estrangeiros, empenhados n'esta luta appellam para a conferencia europea como unico meio de dar fim á questão, e de evitar maiores conflictos e desgraças.

A crise ministerial em Dinamarca passou. O rei e o ministerio vieram a um accordo, desaparecendo as differenças que existiam.

A visita do imperador Francisco José ao rei da Prussia, em Carlsbad, deu que fallar. Atribuiram este encontro a fins politicos, e á organização d'um programma reservado.

O gabinete austriaco recommenda aos seus agentes diplomaticos o desmentirem estes boatos, e diz que o encontro tem por fim o pagamento d'uma visita unicamente, embora encontrando-se fallas nas questões que tanto tem agitado ultimamente os seus respectivos gabinetes.

O actual estado de cousas, porém, a respeito da Austria e da Prussia, nos interesses da Alemanha, faz acreditar que se dissimula o fim deste encontro, e que seja motivado para o imperador da Austria discutir com o seu augusto aliado as medidas que convem adoptar-se, para se concluir pacificamente a questão dano-alemã.

As negociações entre a Porta e o principe Couza terminaram satisfactoriamente para ambos os lados.

Foi reforçada a esquadra hespanhola do Peru. Uma circular foi dirigida pelo ministerio dos negocios estrangeiros de Hespanha a varias potencias acerca da questão peruviana, e nas camaras foi dito pelo governo que as ilhas de Chincha foram occupadas até serem punidos os assassinos de Talambo. Agradecendo á França os serviços que as autoridades francezas prestaram aos subditos hespanhols no Peru, o governo de Hespanha declarou que a sua politica não era de agredir, nem de conquistar.

A embaixada japoneza deixou a França—secoo chamada ao seu pais natal. Não resistiu nenhuma das outras côrtes europeas, como tencionava. Esta repentina chamada fez tambem que não podessem visitar Berne, como elles tinham promettido no embaixador da Suissa em Inglaterra. Concluíram em França os seus negocios, assignando uma convenção que confirma o tratado já feito, dando uma satisfação pelo assassinato do tenente Camus, e garantindo o pagamento d'uma indemnisação. Todos os direitos que o tratado de 1858 estabeleceu ficaram por esta convenção reduzidos uns a cinco, outros a seis por cento. A indemnisação paga á familia do official assassinado é de 172,500 francos, ou 7,700 £s.; ficando entendido que o governo do Taicun tomará as necessarias medidas para descobrir os assassinos.

As noticias da America dizem que Grant e Lee nos seus movimentos e ataques nada tem feito decisivo; de Nova York a 16 de junho escreveram que Grant transferira a sua base de operações para o rio James. A avancada de Sherman ficava a 500 jardas de distancia de Johnston. Uma expedição de 8,000 homens, commandados pelo general Sturges, tendo deixado Memphis no dia 10. de junho, foi derrotada, pelo general Forrest, em Guntown, perdendo toda a artilheria, munições, e prisioneiros. O resto da expedição voltou para Memphis. Um telegramma de 4 de julho menciona espantosa carnagem á roda de Richmond e Petersburg, tendo um outro de Londres de 18 de junho annuciado a captura de Petersburg, pelos federaes, com 18 peças de artilheria e 400 prisioneiros, ficando destruidos os caminhos de ferro entre Petersburg e Richmond.

ANNUNCIOS.

CONSTANDO-ME por carta, que recebi hontem de Vampá, que andam n'aquelle sitio alguns chinas trajados a Europea á angariar culis ou emigrantes para os Estabelecimentos de Colonos em Macao, usando para isso do meu nome, cumpre-me, por esta, declarar mui solememente que não tenho conexão alguma, quer directa, quer indirecta, com esses chinas ou com quaisquer outros que por ventura usarem do meu nome para um tal trafico, pois, como he publico e notorio, nunca me interessei n'esse trafico por ser elle contrario á minha convicção.

Macao 3 de Agosto de 1864.

B. S. FERNANDES.

PARA VENDA.

HUM lindo e bem reforçado Piano d'armario, de tres cordas, recommegado de Allemanha, e feito expressamente para o clima da China.

Author—Breitkopf & Hartel. Leipzig.

Dirija-se á

JOAQUIM PERES DA SILVA & Ca.

No. 37 Praia Manduco.

Macao 23 de Julho 1864.

O ABAIXO assignado annuncia ao publico que, tendo ultimamente estabelecido relações commerciaes com respeitaveis casas de Londres e Paris, acaba de receber um grande sortimento de Vestidos de lã e de lã de lã, bem como variados enfeites de senhora, como Chales de renda, Mantinhas de seda, Golas e Punhos de fina cambraia.

Os preços, por que se acham á venda todos estes objectos, são os mais modicos possivel, devendo notar-se que é tudo de excellente qualidade e do mais moderno, não podendo em nada assimillar-se com os objectos desta ordem, que ahi se acham á venda, vindos de Hongkong, pois que pela maior parte são cheios de avaria ou são usados e pouco differem nos preços dos que tem o annunciante, acabados de chegar da Europa.

Os compradores, pois, ficarão mais bem servidos com estes objectos do que com os vindos de Hongkong, que alem de estarem em muito mau estado, todos se acham já fora da moda.

Alem d'isto, o annunciante tem muitas amostras de outras lindissimas fazendas de seda, lã, algodão, etc., que se acham em viagem da Europa para estas paragens em navios de vela: amostras estas que se acham patentes ao publico.

Acha-se presentemente á venda, por preços reduzidos:

- Cambraia branca, fina, @ \$3.50 a peça.
- " " ordinaria, @ \$2.50 a peça.
- Beatilha " fina, " \$3.50 "
- " " ordinaria, " \$2.50 "
- Merino superior, de cores, @ \$1.25 a jarda.
- Alpaca, de 20 a 80 avos a jarda.
- Seda de cores, de 75 avos @ \$1.25.
- Gollas de cambraia e de beatilha, de \$2 @ \$4 a duzia.

Lenços de linho fino, bordados a mão, de \$2½ @ \$4.

Vãos pretos, de renda de seda, @ \$10.

Collarinhos de linho, de \$2 @ 2½ a duzia.

Peitos de linho para camizas, de \$4 @ 6 a duzia.

Circassiana de cores @ 33 avos a jarda.

Bordados para saias e calças.

Renda preta e Branca.

Flores artificiaes—das mais lindas que se tem visto na China.

Grinaldas d'ultima moda.

Chapós de feltro para homens (grande variedade) de \$1.50 @ 3.

Jóias,—Braceletes, Argolinhas, Broches, Anéis, Botoens, &c., &c., por preços commodos.

Grande sortimento de Casimira e Panno.

Sombrieros de seda de boa qualidade para homens @ \$3. Ditos para senhoras \$1.25 @ 2.

Albums grandes e pequenos.

Sabão, Sabonetes, Pomada, Pó para dentes.

Pentes e Escovas de toda a qualidade.

Aparelhos de Jantar e de sobremesa de lindos padrões. Jogos de lavar.

Conservas em latas.

Vinho do Porto, e Clarete de 1.ª qualidade.

Grande variedade de Pratos e Confeiteiras de vidro, &c., &c.

N.B.—O abaixo assignado recebe ainda ordens para mandar vir Fazendas de França e de Inglaterra, pelos preços marcados nos catalogos, que se acham na sua loja, de diversos Estabelecimentos.

J. DA SILVA.

Macao, 2 de Agosto de 1864.

ESTANDO-SE para vender, brevemente em Singapura, as valiosas propriedades da caza de José d'Almeida & Sons, que consistem excellentes predios urbanos,—uma Fabrica de assucar com 1000 acres de terreno e machinas proprias etc. (que custarão mais de \$80,000) tres plantações de coco, uma collina com uma bonita caza, outra collina com 4 cazas, uma outra com duas cazas, outros terrenos com gúddes etc., etc. Se offerece, por isso, aos capitalistas uma favoravel oportunidade para empregar, com vantagem os cabedais em bens de raiz, n'uma colonia tão florecente, como a de Singapura, acrecendo a isso, que he assaz provavel que se poderão obter estas valiozas propriedades por um preço modico, visto haver grande escassez de numerario n'aquella colonia, em consequencia da crise monetaria, pela qual tem ella passado ultimamente.

Macao 1.º de Agosto de 1864.

A COMISSÃO Directora do Theatro de D. Pedro V. annuncia que a extracção da Loteria a beneficio do mesmo theatro se effectuará impreterivelmente no dia 20 do proximo vindouro mez de setembro.

A. MARQUES PEREIRA, Secretario da Commissão.

ESTADO DO MERCADO.

CHÁ.—Ultimas vendas de Congou, de melhor qualidade a 25 taes.

SEDA EM RAMA.—Tem havido vendas para a India: a \$185 o Loongkong, No. 1, a \$395 o Cunchook, e a \$390 do Kowkong, d'este ultimo haverão agora 30 picos.

CANELLA.—Existem 500 picos, preço \$15.10.

FLOR DE CANELLA.—Ha 20 picos, preço \$54.

OLEO DE CANELLA.—Vale \$215, ha muito pouco.

OLEO DE ANIZ.—Ha 25 picos, e podem a \$150.

ESTRELLA DE ANIZ.—Ha 100 picos, e podem a \$19 e 19.20.

RAIZ DE GALLANGAL.—Ha grande abundancia; vale \$2.

GALBA.—Existem 40 picos, valendo a \$15.

GALBA DA CHINA.—Ha muito pouco, vale a \$12.50.

ASSUGAR.—Ha 6,000 picos do branco, valendo a \$7.80 e de la. sorte, \$7.20 a 2a. sorte, a \$6.20 a de terceira qualidade. Trigueiro, falta; valor nominal \$5.50.

ALGODÃO.—De Shanghai \$31. De Ningpó \$32.

ARROZ.—Não ha compradores. Declinando os preços. Os actuaes são: Bengala \$2.50; Saigon \$2.20; Siam \$1.90 e 2.30; Avraçan e Rangoon \$1.70 e 1.80. Ha bastante.

OPHO.—Patna \$516. Benaes \$494.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 4 a 11 de Agosto.

ENTRADAS.

Agosto 4—Galera ingleza *Valdivia*—Capitão, S. Bellington—305 toneladas—de Vampá, com chá.

" 6—Gun-boat de guerra inglez *Grass Hopper*—Commandante, Walker—de cruzar. E da força de 60 cavallos, e monta tres peças.

" 8—Gun-boat de guerra inglez *Grass Hopper*—Commandante, Walker—de cruzar.

" 9—Galera ingleza *W. A. Farnsworth*—Capitão, Thorndike—326 toneladas—de Hongkong em lastro.

" 9—Brigue hamburguez *Madura*—Capitão, A. D. T. Rohl—250 toneladas—de Saigon, com arroz.

SAHIDAS.

Agosto 4—Galera portugueza *D. Maria Pio*—Capitão, F. Botelho—774 toneladas—para Callão de Lima, com 425 passageiros chinas.

" 5—Barca franceza *Mario*—Capitão, Thin—250 toneladas—para Hongkong, em lastro.

" 6—Barca oldemburgueza *Syphide*—Capitão, D. Ossebruggen—518 toneladas—para Samarang, com chá.

" 7—Gun-boat de guerra inglez *Grass Hopper*.

" 8—Gun-boat de guerra inglez *Grass Hopper*.

" 8—Barca hollandeza *Orelis*—Capitão, Taimim—297 toneladas—para Ningpó, com a mesma carga com que entrou.

" 9—Gun-boat de guerra inglez *Grass Hopper*.

" 9—Galera ingleza *Valdivia*—Capitão, S. Bellington—305 toneladas—para Londres, com chá.

" 9—Barca ingleza *Vande*—Capitão, W. Came—353 toneladas—para Hongkong, em lastro.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 11 DE AGOSTO.

ENTRADA	APARELHO	NAÇÃO	NOME	CAPITÃO	TON.	PROCEDENCIA	CONSIGNATARIO	ANCORADÓRO	DESTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Barca	Portugueza	Tremelga	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		Á carga
Janeiro 3	Barca	Portugueza	Elisa		219	Tai-hi-san	M. A. da Ponte	Rio		Á venda
Junho 9	Barca	Portugueza	Sun-li	M. de S. Victal	246	Pinang	B. A. Pereira	Rio		
" 18	Brigue	Portuguez	Concordia	J. F. Gril	226	Singapura	E. L. Lança	Rio		
" 21	Brigue	Portuguez	Camilla	A. J. Favacho	204	Pinang e Sin.	B. A. Pereira	Rio		
" 26	Barca	Portugueza	S. Francisco X.º	J. L. da Silva	236	Goa e Singapura	V. de P. P. & Ca.	Rio		
" 28	Brigue	Inglez	Carl	Wm. Dow	168	Bangkok	Siemssen & Ca.	Rio		
Julho 15	Galera	Peruana	Camilo Cavour	F. de Landabaso	1326	Vampá	Ordem	Rada	Callão de Lima	Despachada para sair hoje
" 18	Brigue	Hespanhola	Sam Domingo	M. S. Gavito	293	Manilla	B. E. Carneiro	Rio		
" 19	Barca	Portugueza	Portugal	J. de Jesus	540	Pinang	M. A. dos Remedios	Rada		
" 23	Barca	Franceza	Claire	L. Robert	498	Hongkong	J. M. del Rio	Rio	Callão de Lima	Com passageiros chinas
" 23	Brigue	Dinamarqueza	Poul	R. Tensen	320	Saigon	Raynal & Ca.	Rio		
" 28	Barca	Dinamarqueza	Herman & Theodor	R. D. Eriken	320	Bangkok	Siemssen & Ca.	Rada		
" 30	Escuna	Dinamarqueza	Zwei Gebruder	N. Sass	169	Pinang	A. de Mello	Rio		
Agosto 1	Barca	Oldemburgueza	Ammerland	Hegimann	340	Pinang	E. L. Lança	Rada		
" 2	Brigue	Hollandez	Constance	J. S. Mulder	270	Saigon	B. E. Carneiro	Rio		
" 9	Galera	Ingleza	W. A. Farnsworth	Thorndike	326	Hongkong	E. L. Lança	Rada		
" 9	Brigue	Hamburguez	Madura	A. D. T. Rohl	250	Saigon	Siemssen & Ca.	Rada		